

MARIA ANGÉLICA SOARES DOS SANTOS

**ANÁLISE DO ENSINO DE ARTES NA PRÉ-ESCOLA DO MUNICÍPIO DE
BARRETOS**

BARRETOS

2013

MARIA ANGÉLICA SOARES DOS SANTOS

**ANÁLISE DO ENSINO DE ARTES NA PRÉ-ESCOLA DO MUNICÍPIO DE
BARRETOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes
Visuais, habilitação em Artes Visuais, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Alexandre Galvão de Queiroz Rangel

Coorientadora: Profª. Claudia Gomes da Silva Babinski

BARRETOS

2013

Dedicatória

Aos meus alunos - motivos por qual busco o melhor de mim: “O amor a profissão é consequência a reciprocidade do amor puro das minhas crianças”

Agradecimentos

À Deus: em todos os momentos de desânimo clamei o seu nome e ele por misericórdia veio ao meu encontro.

Aos meus pais, que fizeram de mim manancial de orgulho, mesmo quando desmerecido.

À tutora Josane Zatitti, fonte inesgotável de amor, dedicação e carinho com todos nós: uma mãe.

À Daiana Lima, amiga de graduação, apoio e companheirismo em todos os momentos.

*“Precisei de toda uma existência para
aprender a desenhar como as crianças”.*

Pablo Picasso

Resumo

A pesquisa tem por objetivo analisar a prática docente nas aulas de artes nas turmas de pré-escola, de quatro escolas diferentes. Por meio de referências bibliográficas e questionários enviado aos docentes, conceituar a necessidade deste ensino na vida infantil/discente, caracterizando pontos positivos e negativos encontrados na prática docente: formação, estrutura pedagógica e física além do que e como são as aulas de artes.

Palavras chaves: arte, necessidade, docente, discente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

- 1. O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO BRASIL10**
- 2. O FAZER ARTÍSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....12**
- 3. ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE.....15**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Visto que leciono para uma turma de Pré-escola e, a partir de 2009 a Secretaria Municipal de Educação implantou o Ensino de Artes na Educação Infantil; o que era visto apenas como uma atividade de lazer e passa tempo, tornou-se uma cobrança curricular: as propostas pedem releituras, expressões, manifestações, por meio das artes visuais, dança, música e teatro.

Além disso, é do conhecimento de todos que a disciplina de Artes é vista, a nível nacional, com menos importância diante das outras que compõem o currículo. É calcada de impressões e pinturas pré-estabelecidas.

Com isso, a pesquisa é de grande importância, primeiramente por ser um anseio pessoal e docente. Secundariamente por estar buscando uma análise de como estão as aulas de artes, na pré-escola, na cidade de Barretos, qual a posição docente diante “do que e como ensinar Arte”.

Contudo, o estudo buscará dados abordando o intuito docente, as condições de se trabalhar arte na escola, os anseios, as melhorias que ocorreram durante esses 4 anos, além disso, uma busca e incentivo do quanto a arte é necessária para a formação humana.

A partir dessa proposta, da Secretaria da Educação, é possível dizer que houve um grande avanço na Educação da cidade Barretos, mesmo que tardio, é interessante que essa consciência tenha alcançado as mentes dos dirigentes educacionais da rede.

No entanto, sabe-se que o despreparo docente, a má formação universitária e a falta de valorização dessa grade curricular pelos próprios docentes, gestores escolares, a família dos alunos e, de modo geral, na sociedade brasileira, é relevante para se chegar a conclusão de que o ensino apropriado não esteja alcançando méritos importantes, além do prejuízo estético, criativo e social que as crianças estão tendo.

Com isso a pesquisa proposta busca uma “Análise do Ensino de Artes na Pré-Escola do Município de Barretos”, uma estruturação de conceitos sobre a necessidade e a importância da grade curricular para o ensino e uma reflexão da prática docente diante do fazer/ensinar artístico: os meios, a estrutura propensa ou

não, a intencionalidade, a promoção de atividades e a expectativa diante da proposta.

A metodologia a ser utilizada é em grande parte bibliográfica, seguida de questionários respondidos por docentes de quatro CEMEIs da cidade de Barretos, preservando nomes e imagens, uma vez que trata-se de dados que comprometem o profissional e a estrutura educacional de cada instituição de ensino a ser analisada.

O desenvolvimento da pesquisa é dividido em três capítulos: “O Ensino de Arte na Educação Infantil do Brasil”, “O fazer artístico na educação infantil”, e “Análise da prática docente”

É possível dizer que a pesquisa conceitua fatos importantes na questão de formação e de propostas curriculares que muitas das vezes são impossibilitadas de serem cumpridas/alcançadas.

1. O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO BRASIL

Antes de qualquer coisa, ao buscar a história do ensino de arte no Brasil, pode-se dizer que há muitos anos ela está em nossa sociedade – após mais de 300 anos do descobrimento da nação e em segmentos aos conceitos estéticos europeus, em 1816, é criado no Brasil a Academia Imperial de Belas Artes.

Partindo-se dessa questão, as décadas posteriores eram calcadas de desenhos direcionados para o trabalho industrial, prática em série, feitas por não haver a fabricação a partir de máquinas. E mesmo com a revolução da semana da arte moderna, as escolas ensinavam a arte tradicional.

Nas décadas de 30, muitas mudanças ocorreram:

-1930 O compositor Heitor Villa-Lobos, no governo de Getúlio Vargas, institui o projeto de canto orfeônico nas escolas. São formados corais, que se desenvolvem pela memorização de letras de músicas de caráter folclórico e cívico.

-1935 O escritor Mario de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo, promove um concurso de desenho para crianças com tema livre. O ganhador recebe uma quantia em dinheiro.

-1948 É criada no Rio de Janeiro a primeira "Escolinha de Arte", com a intenção de propor atividades para o aluno desenvolver a autoexpressão e a prática. Em 1971, chega a 32 o número de instituições particulares desse tipo no país.

-1960 As experimentações que marcam a sociedade, como o movimento da bossa nova, influenciam o ensino de Arte nas escolas de todo o país. É a época da tendência da livre expressão se expandir pelas redes de ensino.

-1971 Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Educação Artística (que inclui artes plásticas, educação musical e artes cênicas) passa a fazer parte do currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio.

-1973 Criação dos primeiros cursos de licenciatura em Arte, com dois anos de duração e voltados à formação de professores capazes de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico.

-1989 Desde 1982 desenvolvendo pesquisas sobre três idéias (fazer, ler imagens e estudar a história da arte), Ana Mae Barbosa cria a proposta triangular, que inova ao colocar obras como referência para os alunos.¹

No entanto, o ensino de Arte na educação foi inserido como currículo na LDB - Lei de Diretrizes e Bases – em 1996, há apenas 17 anos. Como disciplina obrigatória da Educação Básica - Os PCNs definiram o ensino em quatro linguagens: arte visual, dança, teatro e música.

¹ <http://revistaescola.abril.com.br/arte/fundamentos/conhecer-cultura-soltar-imaginacao-427722.shtml?page=4>> Acesso em Mai/2013

Na educação infantil, a questão foi mais complexa, visto que as crianças de 0 a 6 anos, matriculadas em Creches, eram de responsabilidade da Promoção Social do município, certamente, os funcionários, não possuíam curso superior e eram chamados de “pajens”, “acolhedores”, “cuidadores”, etc.

Felizmente, e tardio, em 2008, a LDB incluiu em sua lei que a criança de 0 a 6 anos, deviam ser inseridas em um ambiente educacional, promotor de desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social. Fazendo que as Creches se tornassem CEMEIs – Centro Municipal de Educação Infantil – os profissionais que a partir dessa época tivessem nível superior foram inseridos no quadro do plano de carreira do Magistério. E a partir disso, os CEMEIS pautados na intencionalidade educacional são direcionados ao exercício de métodos que alcancem seguimentos educacionais infantis.

Com isso, a Educação Infantil possui os RCNEI - Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil – 1998, um volume relativo ao âmbito de experiência Conhecimento de Mundo, para crianças de 0 a 6 anos (pré-escola) contendo eixos referenciais que orientam o professor a direcionar a criança para uma construção de identidade autônoma, construção de linguagens – Inclusive a artística: música, artes visuais, entre outras que possibilitam uma adaptação social, expressiva e conhecimento do próprio eu diante das relações humanas:

Crianças de quatro a seis anos

Para esta fase, os objetivos estabelecidos para a faixa etária de zero a três anos deverão ser aprofundados e ampliados, garantindo-se, ainda, oportunidades para que as crianças sejam capazes de:

- ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento, utilizando gestos diversos e o ritmo corporal nas suas brincadeiras, danças, jogos e demais situações de interação;
- explorar diferentes qualidades e dinâmicas do movimento, como força, velocidade, resistência e flexibilidade, conhecendo gradativamente os limites e as potencialidades de seu corpo;
- controlar gradualmente o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras para utilização em jogos, brincadeiras, danças e demais situações (...) (BRASIL, 1998, p. 27).

É possível dizer que na história da educação brasileira, o ensino da Arte passou por momentos conturbados e, de modo generalizado, negligenciáveis no protótipo de que a educação ainda é apontada como atrasada e ineficaz nos estudos mundiais. No entanto, nesses quase 20 anos são possíveis perceber que a importância da arte esta explicita nos currículos nacionais, deixando contextos didáticos que na maioria das vezes não são seguidos.

2. O FAZER ARTÍSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir do momento em que se concretizou a arte como necessária para a educação infantil, não é possível a desvinculação da arte/educação, termo de inúmeras discussões. Tanto que Barbosa (1998) em entrevista conceitua que Arte/Educação é todo e qualquer trabalho consciente para desenvolver a relação de públicos (criança, comunidades, terceira idade etc.) com a arte. Ensino de arte tem compromisso com continuidade e currículo, quer seja educação formal ou informal.

Sendo assim, é crucial iniciar este capítulo dizendo que antes de tudo ensinar arte é ter comprometimento com o “ser educando”, o qual está limitado a cultura na qual se insere e necessita de expansão para se chegar a um nível de qualidade de vida, pois viver com conforto, intelectualmente falando, é o anseio da educação para a melhoria da vida humana.

A arte estimula o desenvolvimento humano, proporcionando autonomia no aprendizado. E, baseado nisso, é relevante que o indivíduo em todos os momentos de sua existência consiga se expressar na realidade a qual está inserido. Uma vez que, cada um se torna o que aprendeu.

As crianças devem ser levadas ao estímulo das sensações e representação de sentimentos, anseios e preocupações. Tais expressões são alcançadas com o fazer artístico: música, dança, artes visuais, teatro, esculturas, etc.

Muitas das vezes a disciplina é calcada de atividades *xerocopiadas* para serem coloridas, conseqüentemente trata-se de uma imposição de formas e estruturas idênticas, impensáveis além de limitadas a criação infantil. Haja vista que o ser humano enquanto criança tem liberdade e criatividade independentes de conceitos de belo e feio, de certo e errado, de agradar ou não o seu próximo, com isso, a sensibilidade e a construção da apreciação e seleção de conceitos é tão importante quanto aprender a ler e escrever.

Para tanto, nessa questão, o RCNEI, trata de uma busca de movimentos que podem ser alcançados com a música, dança, teatro e artes visuais, na busca de expressividade corporal, sensações rítmicas e gestuais - para que a criança obtenha uma relação corporal de auto conhecimento, expressividade, valorização estética e acima de tudo intencionalidade.

A introdução dos RCNEI do capítulo intitulado Artes visuais deixam claro:

As Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes etc. O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais.

As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis.

[...] as Artes Visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil. (BRASIL, 1998, p. 79)

Para que tais conceitos sejam inseridos na prática docente é interessante que haja uma relação próxima entre professor e aluno, uma vez que trata-se de uma nova forma de ver a arte, de expressá-la.

O aluno estará diante de conceitos em mudanças, de realidade, de problemas familiares e escolares que estarão sendo postos em evidências para que haja melhorias.

Nesse momento é dado a ele a liberdade de expressão: desenhando, pintando, dançando, cantando ou dramatizando – no entanto – o direcionamento feito pelo docente nas atividades é o que estabelece reações, manifestações e condições para que a criança alcance um aprendizado e a autonomia tão sonhada pelos mestres e doutores em educação.

Essa questão norteadora tem sido o grande problema educacional, pois os docentes deveriam estar preparados para ser esse norte quando ele mesmo não consegue saber o que e como fazer, remetendo essa falha educacional a um problema nacional, falado no capítulo anterior: histórico, político e social sofrido por nossa nação e não por culpa do professor de hoje.

Tal fato, também acontece, porque o professor não teve essa formação em sua infância, adolescência e até na faculdade, sendo privado de objetos culturais que o levaria a ponderações importantes para seu processo de ensino aprendizado e conseqüentemente para sua atuação docente.

A condição encontrada é bem mais complexa do que se pode imaginar, primeiro por termos crianças sedentas de aprendizado, de fazer arte – paralelas ao docente, que já foi criança, mas uma criança bloqueada de criatividade, autonomia e expressão.

3. Análise da prática docente

Para Herbert Read (2001), a liberdade de expressão é imprescindível para o aprendizado: a imaginação dos educandos, no fazer artístico, deve ser considerada e tal processo é composto do ser iluminador, o professor, que norteia seu educando de forma que ele possa aprender por sua própria experiência, adquirindo uma consciência do que e como se aprende diante do que o rodeia.

Com isso, Read (2001) aposta suas ansiedades na prática docente, e deixa claro que o mestre é um ser norteador para um ensino criativo, livre e promotor da arte na educação de crianças: partindo de uma relação mutua a uma direção pedagógica de liberdade e criatividade.

Gilvânia Dias Pontes (2001) em sua dissertação para Mestre em Educação, deixa claro que as aulas de artes na educação infantil são permeadas por atividades cotidianas que explicitam datas comemorativas. Aborda que muitas das vezes tais atividades compõem a proposta curricular pedagógica, levando-nos ao pensamento de que esse problema é calcado pelo histórico do país.

Assim, é possível perceber que todos os autores justificam a necessidade do ensino de arte na escola baseando-se na formação docente. Mesmo que é preciso encaminhar as crianças para a liberdade de expressão, é crucial pensar que trata-se de indivíduos dependentes do intelecto do mestre para direcioná-los a uma autonomia aprendiz.

Além disso, deve haver a preocupação reprodutora, o professor necessita de uma reflexão da sua prática, de programar atividades que resultem na busca criativa, seletiva e reflexiva da criança, levando em consideração sua realidade e imaginação.

Os professores em análise lecionam na educação infantil da cidade de Barretos, visto que a aula de arte foi inserida em 2009 pela Prefeitura Municipal de Barretos,

Cada docente, que leciona em diferentes CEMEI's, na Pré-escola, se propôs a responder ao questionário que não o identifica nem aponta o estabelecimento de ensino. Veja abaixo as perguntas e respostas sabendo que são 4 professores A, B, C e D:

Perguntas e respostas.

<p>Formação Acadêmica – Graduação – Pós –Graduação – Instituição.</p> <p>Professor A – Graduação : Pedagogia – Universidade Metodista de São Paulo Pós- Graduação: Psicopedagogia Clínica/ Institucional – Unorp – Rio Preto Educação Infantil: ISEB – Barretos</p> <p>Professor B – Graduação: Pedagogia – FISO - Barretos</p> <p>Professor C – Graduação: Licenciatura em Letras (UNIFAFIBE) e Artes Visuais (São Luis – Jaboticabal)</p> <p>Professor D – Graduação: Pedagogia e Letras (FISO e UNIFAFIBE), Pós Graduação – PIGEAD Planejamento, Implementação e Gestão a Distância – UFF.</p>
<p>No período de formação, houve uma grade curricular que abordasse a didática em artes visuais?</p> <p>Professor A – sim, tivemos uma grade chamada Educação Artística</p> <p>Professor B – Não.</p> <p>Professor C – Lembro de trabalhar em alguns momentos do curso com elaboração de plano de aula, mais isso eram tarefas esporádicas e não houve uma matéria específica que trabalhasse essa didática.</p> <p>Professor D – Não, não me lembro de nada que abordasse arte, tanto na teoria quando na prática.</p>
<p>Você promove atividades de artes com seus alunos?</p> <p>Professor A – sim</p> <p>Professor B – sim</p> <p>Professor C – sim</p> <p>Professor D – as vezes</p>
<p>Como são ministradas e o que é trabalhado nas aulas?</p> <p>Professor A – Tento trabalhar com diferentes materiais: tinta, lápis de cor, giz de cera, sulfite, jornal. Recorte, colagem – apreciação de obras e releituras. Coloco as crianças em suas carteiras, primeiro explico a atividade e depois distribuo o material.</p> <p>Professor B – Trabalho com as crianças dentro da sala de aula, exploro as datas comemorativas – no carnaval faço mascaras e eles pintam, na páscoa – procuro algum desenho relacionado...</p> <p>Professor C – Tento explicar sobre a teoria da arte, alguns fatos históricos e proponho uma reprodução de imagens, uma releitura.</p> <p>Professor D – De maneira simplificada, às vezes me sinto um pouco insegura e</p>

sem direção para tais aplicações. Trabalho mais o básico mesmo, pintura de desenhos, levo as crianças para desenharem no espaço reservado para tal, uso tinta guache, reprodução de alguns desenhos, análise coordenação motora na pintura mas sinceramente acho que ainda não é adequado e suficiente.

Há um espaço aconchegante para que essas aulas aconteçam?

Professor A – Não, a escola não possui estrutura para a aula de artes, elas acontecem dentro da sala de aula.

Professor B – Quando é possível, faço o uso do refeitório, no entanto, na maioria das vezes as aulas acontecem na sala de aula.

Professor C - Não, somente a conhecida sala de aula.

Professor D – Sim, há um espaço construído só para uso de atividades como as de artes, no entanto, acredito que não há um direcionamento correto para o trabalho com artes.

Visto que o trabalho de arte é exigido por parte dos coordenadores, é possível dizer que as propostas são possíveis de serem executadas? Quais dificuldades você se depara?

Professor A – na medida do possível, pois sempre há a falta de materiais e trabalhar com 20 alunos (crianças) é uma tarefa difícil, pois eles não esperam o momento certo para a atividade, se sujam de tinta, sujam a roupa, etc.

Professor B – Não, as atividades propostas requerem o uso de materiais específicos que nunca são fornecidos pela secretaria, o que temos de fazer é trabalhar com recicláveis. Isso acarreta problemas de armazenamento e as crianças são muito pequenas para trabalhar com a maioria dos materiais recicláveis.

Professor C – Não, Por parte da escola, os materiais. Por parte das crianças, levo em consideração a falta de coordenação das mesmas, o número de crianças por educador, que pode chegar até 25 por turma. Várias crianças têm dificuldades ao mesmo tempo e o professor nessas aulas tem um elevado índice de stress no desenvolvimento de aulas praticas de arte, principalmente, com crianças.

Professor D – Acho que as propostas deveriam ser adequadas a cada etapa de ensino e sermos orientados, pois como já disse, quando me formei não tinha esse ensino em minha grade curricular, e o que passo para as crianças é o que sei, tenho insegurança na aplicação. Assim, o meu maior problema é a falta de preparo.

Além das artes Visuais, você trabalha alguma ou expressão artística como dança, música, teatro, literatura?

Professora A – As musicas são as de cantigas de roda, dança apenas para os ensaios da festa junina e conto historinhas.

Professora B – Dança: para apresentações de festividades, cantamos músicas na hora das refeições e conto histórias.

Professora C – Na época das festas juninas ensino alguns passos de música de festa junina e alguma sertaneja, cantamos as cantigas de roda (para resgatar). Já fizemos um teatro para o dia das mães e toda semana tem um momento de contar histórias.

Professora D – Acredito que o que mais faço é contar histórias, porque o resto é apenas para comemorações. Sempre músicas repetidas, teatros e danças que acredito não estar sendo educativo, apenas para agradar os olhos dos pais e familiares.

Você tem acesso aos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil?

Professor A – Eu sei que o currículo da Prefeitura é baseado nos RCNEI, mas não os conheço.

Professor B – Não tenho acesso e nunca ouvi falar.

Professor C – Não conheço.

Professor D – Nunca ouvi falar, nem em tempos de graduação.

Aparentemente, é possível dizer que ao analisar as repostas, percebe-se que os professores possuem boas formações que dão condições para que as aulas de artes sejam promissoras: a professora C, além de tudo é formada em Artes Visuais.

No entanto, muito há para se discutir quando percebemos a postura docente de cada uma. A professora A, afirmou que tenta colocar as crianças em contato com os mais diferentes materiais, que provoca produções instigando a criatividade, mas que esses materiais nunca estão disponíveis, além da falta de espaço e suporte, uma vez que trabalha sozinha com 20 crianças.

A professora B, deixou claro que o ensino de artes em suas aulas é pautado de datas comemorativas e de atividades já programadas há anos: máscaras repetidas, desenhos procurados na internet. Tal situação remete ao que as crianças não podiam fazer, pois precisam de atividades que instigam a imaginação, coordenação e assimilação. Também deixou claro que a falta de espaço físico e de materiais são um problema.

No caso da C, há uma falta de direcionamento de atividades, visto que ela é formada em Artes Visuais, as crianças de pré-escola (5 a 6 anos) não vão assimilar teorias sobre a arte, ainda são muito imaturas e é desnecessário quando elas estão na fase de exploração de formas e sentidos.

A D, pareceu muito sincera e preocupada diante de como executa suas aulas, diferente das outras, ela não teve a grade curricular que abordasse sobre Arte na graduação. Executa atividades de desenhos e pinturas, sem ter a certeza de que está passando tarefas corretas para a faixa etária. Ela demonstra uma necessidade de ser orientada, visto que as coordenadoras de CEMEIs passam o plano mensal exigido pelo sistema municipal, mas nem sempre são pertinentes com a realidade.

Além disso, quando foi perguntado sobre as outras formas de arte, é possível notar que são unânimes em responder que contam histórias, cantigas de roda na hora das refeições e que a dança e o teatro, além das artes visuais são unicamente para datas comemorativas.

Uma vez que o trabalho de arte é apontado pelos RCNEIs como aleatório e sem direcionamento específico para o aprendizado da disciplina que carrega importantes aliados ao fazer arte para a vida:

A presença das Artes Visuais na educação infantil, ao longo da história, tem demonstrado um descompasso entre os caminhos apontados pela produção teórica e a prática pedagógica existente. Em muitas propostas as práticas de Artes Visuais são entendidas apenas como meros passatempos em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha são destituídas de significados.

Outra prática corrente considera que o trabalho deve ter uma conotação decorativa, servindo para ilustrar temas de datas comemorativas, enfeitar as paredes com motivos considerados infantis, elaborar convites, cartazes e pequenos presentes para os pais etc. Nessa situação, é comum que os adultos façam grande parte do trabalho, uma vez que não consideram que a criança tem competência para elaborar um produto adequado.

As Artes Visuais têm sido, também, bastante utilizadas como reforço para a aprendizagem dos mais variados conteúdos. São comuns as práticas de colorir imagens feitas pelos adultos em folhas mimeografadas, como exercícios de coordenação motora para fixação e memorização de letras e números. (BRASIL, 1998, p.80).

Por outro lado, é possível perceber uma desmotivação de todas por causa da escassez dos materiais pedagógicos e a falta de espaço físico impedem que os objetivos lançados pela secretaria de ensino sejam alcançados.

Outro ponto importante é que nenhuma delas são levados a ter acesso aos Referencias Curriculares da Educação Infantil, material imprescindível para o trabalho com a faixa etária.

Os referenciais deixam claro que a arte não é um processo que se adquire com experiências de vida, é necessário um aprendizado específico e direcionado.

O questionamento da livre expressão e da idéia de que a aprendizagem artística era uma consequência automática dos processos de desenvolvimento resultaram em um movimento, em vários países, pela mudança nos rumos do ensino de arte. Surge a constatação e que o

desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce. (BRASIL, 1998, p. 81).

Assim, a criança em suas produções é influenciada a todo momento: pela cultura onde está inserida, pelos materiais que elas utilizam, nas imagens midiáticas e principalmente pelo professor. Mesmo que seja possível perceber uma autonomia em muitas delas quando estão produzindo, é relevante pensar que esta autonomia não pode ter sido criada cognitivamente, mas sim influenciada. Tanto que nossa cultura sofre de uma deficiência artística com a falta de um ensino devidamente direcionado ao fazer artístico, apreciação e reflexão.

No fazer artístico é necessário que aja um trabalho de expressão e exploração na produção de imagens que sejam singulares e identidades de cada aluno, daí percebe-se a inutilidade de imagens mimeografadas ou xerocopiadas: a criação tem de ser pessoal, libertadora e criadora.

Na questão da apreciação, o aluno deve ser levado a uma leitura de imagem: a que se propõe a figura ou objeto, com o que se identifica, concepções de belo e feio, iniciando uma autonomia e capacidade crítica e seletiva – uma vez que – diante da mídia e das imagens em geral do período contemporâneo nos deparamos com uma poluição visual:

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, idéias, conceitos, comportamentos, *slogans* políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

Ana Mae Barbosa (1998), deixa claro que uma imagem meramente capitalista ou de astúcias políticas, levam o indivíduo, mesmo que inconscientemente, a formar opiniões contrárias, tais quais que promove direcionamentos, formações discursivas a revelia da formação avaliativa que está se inserindo em uma criança. O ensino de arte deve preparar e qualificar imagens formadora de reflexões.

Assim, a reflexão, momento em que a criança constrói seu pensamento a respeito da arte, do criar, do experimentar e do pensamento de resultados que a leitura da sua criação, a do amigo e a do artista permitem ser explorada,

entendida/interpretada como parâmetros e/ou metáforas de suas experiências e expectativas pessoais – uma formação voltada para a compreensão de fatos históricos, do presente e do futuro.

Baseado na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, todo esse processo pode ser visto como um tripé da arte na vida infantil, seu trabalho é árduo, mas crucial para o desenvolvimento das crianças não só da pré-escola como de todas as outras de faixa etária menor. E esse é o papel do Educador, que infelizmente não está sendo cumprido como deveria.

Nas concepções de Pontes (2001), os cursos de formação para professores contribuem para que as linguagens artísticas sejam concebidas apenas como instrumentos, pois em sua maioria não atribuem a Arte o mesmo tratamento que atribuem às demais áreas, isto é, não vêem na Arte uma área de conhecimento que possui peculiaridades que poderiam ser o foco das reflexões e articulação de situações de ensino por professores.

A falta de formação faz com que esses professores atuem movidos pela concepção da Arte e do seu ensino, construída ao longo de suas histórias pessoais. E como, historicamente, a maioria dos professores foi privada do acesso ao repertório cultural da Arte, tanto na vivência de sua expressividade em atos artísticos quanto na possibilidade de refletir sobre seus conteúdos na escola, isso gerou uma falta de consciência sobre os sentidos que esses conteúdos e vivências artísticas podem assumir na escola. Essa falta reflete-se nas ações dos professores, principalmente nas escolhas e no encaminhamento de situações de sala de aula que envolvam as linguagens artísticas. (PONTES, 2001, p.12)

Percebe-se que por mais evidências que foram atribuídas a necessidade do ensino de arte, ainda há uma falha nas instituições de graduação, quando formam pedagogos sem dá-los a consciência de que a arte é tão fundamental quanto alfabetizar, ler, contar e escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que as escolas de educação infantil da cidade de Barretos, possuem professores com nível superior e pós-graduação, alguns são bi-graduados. Todos atuantes no mesmo sistema de ensino, com as mesmas tarefas a serem cumpridas e com a consciência de que o ensino de arte é uma exigência municipal.

Outra questão relevante é que os obstáculos por eles citados, também, são os mesmos: falta de material, espaço físico e a sobrecarga de 20 a 25 alunos ao mesmo tempo. No entanto, das 5 entrevistadas, 1 afirma ter material e espaço físico confortável para as aulas, mas que não está preparada, afirmando não saber se esta agindo corretamente em suas aulas.

Além disso, percebe-se um grande erro na aplicação de atividades: todos passam o ano em torno de datas comemorativas, e cada manifestação artística é consequência da necessidade de cada época. Não se trata de atividades rotineiras e promissoras de aprendizado, assimilação da vida e liberdade de expressão.

Conclui-se que por mais que está sendo pedido, estão conscientes e possuem formação que dão total autonomia para ensinar as crianças, os docentes estão colocando obstáculos, talvez por ainda não perceberem a necessidade da arte na vida humana, pois se formaram sem ela.

Para tanto, também, é pertinente dizer a estrutura municipal é falha ao simplesmente exigir tarefas sem um suporte educacional, as entrevistadas não sabiam da existência dos Referenciais, tal documento que tem uma ampla explicação e abordagem didática.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos.** – 7. ed. rev. – São Paulo, Perspectiva, 2009.

_____. **Tópicos Utópicos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998. 243p. (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil). v.3.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Dispõem sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

READ, H. **A educação pela arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. **A presença da arte na educação infantil: olhares e intenções.** Natal, 2001.

HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL. Aberto. In: revista escola. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/arte/fundamentos/conhecer-cultura-soltar-imaginacao-427722.shtml?page=4>> Acesso em: 22 de Maio de 2013